CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DANÇA AFRO-BRASILEIRA COM BEBÊS: EXPERIÊNCIAS DE CORPOREIDADE E ERER

Maria Julia QUEIROZ[1], Universidade Federal de São Carlos

Danitza Dianderas da SILVA[2], Universidade Federal de São Carlos

Eixo 03 - Educação para as relações étnico-raciais

CAPES

mariacamargo@estudante.ufscar.br

Palavras-chave: Educação infantil. Corporeidade. Cultura afro-brasileira.

Resumo
Este relato de experiência apresenta uma proposta pedagógica que articulou contação de histórias e dança afro-brasileira com bebês e crianças bem pequenas, com o objetivo de promover vivências corporais e culturais pautadas na Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). A experiência foi realizada em um berçário de uma instituição vinculada a uma universidade federal, com a participação de sete bebês, com idades entre quatro meses e um ano, além de crianças do grupo 1 e grupo 2 em momentos específicos, no período de três dias consecutivos. As ações consistiram na narração de histórias dos orixás — “Iemanjá e a criação do mundo” e “Oxóssi e o pássaro” — integradas a movimentos corporais inspirados na dança afro-brasileira, com o apoio de elementos sensoriais como sons, objetos e ambientação temática. As vivências foram organizadas em encontros de aproximadamente 15 minutos, priorizando a escuta ativa, a exploração do corpo no espaço e a participação espontânea das crianças. Os resultados evidenciaram o interesse e o envolvimento de bebês por meio de olhares atentos, movimentos corporais, interações com os objetos e respostas aos estímulos sonoros e gestuais. A experiência também contribuiu para a ampliação do repertório cultural e para a valorização da diversidade desde a primeira infância. Como implicações para a prática pedagógica, destaca-se a importância de propostas que integrem corpo, cultura e sensorialidade, bem como a necessidade de um planejamento flexível, sensível às respostas de bebês e crianças. A vivência reforça o potencial da ERER na educação infantil como prática cotidiana, significativa e formativa.

Palavras-chave: Educação infantil. Corporeidade. Cultura afro-brasileira.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil configura-se como um espaço essencial para o desenvolvimento integral de bebês e crianças, constituindo-se como o primeiro ambiente formal em que se estabelecem as bases para a construção de identidades e para o reconhecimento da diversidade cultural. Nesse cenário, o Programa

[1]Estudante de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
[2]Dra Danitza Dianderas da Silva, professora EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) do Colégio de Aplicação da UFSCar (CAU), campus São Carlos/SP. Supervisora do Pibid/UFSCar - Educação das Relações Étnico-Raciais.

Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) assume papel relevante na formação de futuros educadores, ao incentivar a incorporação de perspectivas étnico-raciais (ERER) nas práticas pedagógicas.

O presente relato descreve experiências realizadas em um berçário[3] de uma instituição de ensino[4] vinculada a uma universidade federal, contando com contações de histórias sobre os orixás e dança afro-brasileira. As turmas são compostas por um número reduzido de bebês e crianças e, no berçário observado, há 7 bebês e 5 adultos, o que possibilita interações mais individualizadas e um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento infantil.

O presente documento está estruturado em seções que contemplam: a Introdução, a Corporeidade na Educação Infantil, discutindo práticas pedagógicas voltadas à construção de identidades; o Contexto e Planejamento da Vivência, abordando o cotidiano da instituição a partir da perspectiva do berçário; a Execução da Vivência, que descreve o desenvolvimento de uma proposta com foco em questões étnico-raciais (ERER); as Contribuições Formativas, evidenciando os impactos dessas experiências na formação docente; e, por fim, as Considerações Finais, que apresentam reflexões acerca da relevância dessas perspectivas no contexto educacional.

2. CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A corporeidade na educação infantil compreende o corpo como uma das primeiras e mais potentes formas de linguagem de bebês e crianças. Antes mesmo da oralidade estruturada, bebês e crianças bem pequenas comunicam desejos, emoções e descobertas por meio de gestos, olhares, movimentos e expressões corporais. Nesse sentido, o corpo não é apenas um instrumento biológico, mas um meio de interação com o mundo, por meio do qual bebês e crianças constroem significados, estabelece vínculos e participa ativamente das experiências propostas no cotidiano educativo.

O movimento, nessa perspectiva, configura-se como uma importante forma de expressão. Ao se movimentar, bebês e crianças experimentam possibilidades, testa limites, cria gestos próprios e se apropria de diferentes formas de estar no mundo, superando práticas que restringem o corpo ou o subordinam apenas ao controle e à

[3]O berçário recebe bebês de 3 meses a 1 ano de idade, com a professora regente Julia Yoko Tachikawa, Professora de Ensino Básico Técnico e do Colégio de Aplicação da UFSCar.
[4]Colégio de Aplicação da UFSCar (CAU).

disciplina (BRASIL, 2013). Assim, propostas que envolvem dança, brincadeiras corporais e explorações livres contribuem para o desenvolvimento integral, favorecendo a expressão de subjetividades e a construção de sentido.

As experiências corporais ampliam as possibilidades de conhecimento, pois integram percepção, emoção e ação. Dessa forma, práticas pedagógicas que mobilizam o corpo e os sentidos tornam-se fundamentais para a construção de aprendizagens significativas, respeitando as especificidades da infância e suas formas próprias de conhecer e se relacionar com o mundo.

Além disso, a corporeidade está diretamente relacionada às dimensões culturais e identitárias. O corpo carrega marcas sociais, históricas e culturais, sendo também um espaço de produção de identidades. Ao inserir elementos da cultura afro-brasileira, como a dança e a contação de histórias sobre os orixás, nas práticas com bebês e crianças bem pequenas, favorece o contato com manifestações culturais afro-brasileiras e contribui-se para a valorização da diversidade, promovendo desde cedo o reconhecimento e o respeito às diferenças, em diálogo com os campos de experiência “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gestos e movimentos” (BRASIL, 2017). Nesse sentido, a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) se faz presente ao possibilitar experiências que afirmam identidades e combatem estereótipos.

As orientações da Base Nacional Comum Curricular (2017) reforçam essa compreensão ao destacar o campo de experiências “Corpo, gestos e movimentos”, que propõe a ampliação das formas de expressão corporal das crianças, incentivando a exploração, a criatividade e a comunicação por meio do corpo. De acordo com esse documento, é fundamental garantir situações em que bebês e crianças possam se movimentar livremente, experimentar diferentes ritmos e interagir com diversas manifestações culturais.

Dessa forma, pensar a corporeidade na educação infantil implica reconhecer bebês e crianças como sujeitos ativos, que aprendem e se expressam por meio de experiências corporais significativas, em diálogo com o contexto cultural em que estão inseridas.

3. CONTEXTO E PLANEJAMENTO DA VIVÊNCIA

As inserções da pibidiana ocorreram em uma instituição de ensino vinculada a uma universidade federal, na turma do berçário, contando, em alguns momentos, com

a participação das turmas do grupo 1 e do grupo 2 da mesma instituição. A turma do berçário é composta por sete bebês, com idades entre quatro meses e um ano.

A rotina da turma é organizada de modo a atender às necessidades físicas, emocionais e sociais de bebês, promovendo um ambiente acolhedor e seguro. As vivências diárias seguem uma sequência planejada, iniciando com a recepção e o acolhimento, momento em que a equipe prepara o espaço para favorecer a chegada de bebês. Esse cuidado inicial é fundamental para estabelecer um clima de confiança e segurança, tanto para bebês quanto para seus familiares. Após esse momento, é realizada uma vivência planejada, que pode variar de acordo com os interesses e as necessidades de bebês, promovendo estímulos sensoriais e motores.

Nesse contexto, evidencia-se a importância de uma abordagem integrada e sensível na educação infantil, especialmente nos primeiros anos de vida. A instituição, de modo geral, desenvolve vivências e projetos interdisciplinares com a participação de graduandos de diferentes áreas da comunidade universitária. Essa característica também se reflete no berçário, onde as vivências se mostram dinâmicas e diversificadas, incluindo, por exemplo, pinturas com urucum, jenipapo, borra de café e cúrcuma, utilizadas na criação de grafismos inspirados em culturas indígenas e africanas.

Além disso, foram realizadas contações de histórias, como a cantiga africana “Olelê”, utilizada pela pibidiana em uma das vivências com o berçário no primeiro semestre do ano letivo. Também fazem parte da rotina dinâmicas com instrumentos musicais, como pandeiro, violão, xilofone, chocalhos, instrumentos de madeira e casca de coco. Bebês ainda têm a oportunidade de explorar equipamentos eletrônicos, como telefones antigos, teclados, mouses e câmeras fotográficas, ampliando suas experiências sensoriais e investigativas.

As rodas de música com temáticas variadas como alimentos, animais e objetos são frequentes, assim como rodas de capoeira adaptadas para bebês, orientadas por um professor pesquisador que acompanha o berçário no cotidiano. Essas propostas reforçam a centralidade do corpo nas experiências de bebês e crianças, evidenciando a multiplicidade de formas pelas quais elas exploram o mundo.

Trabalhar a corporeidade com bebês e crianças bem pequenas implica reconhecer que esse é um período de intenso desenvolvimento das habilidades motoras. Enquanto alguns ainda estão no processo de engatinhar e rolar, outros começam a se colocar em pé e dar os primeiros passos, e há também aqueles que já

se deslocam com maior autonomia pelo ambiente. No entanto, a exploração do espaço não se limita aos deslocamentos mais amplos: desde os movimentos do olhar, da cabeça ou do corpo, seja no colo ou no chão, bebês já demonstram formas de interação com o ambiente que os cerca.

Nesse sentido, a noção de territorialidade contribui para compreender como bebês se apropriam dos espaços, construindo relações, identidades e formas de autonomia. Conforme discute Tebet (2019), ao abordar os territórios da infância, a vivência dos espaços é fundamental para a constituição dos sujeitos desde os primeiros anos de vida. A partir dessa perspectiva, amplia-se a compreensão de que o corpo em movimento é também uma forma de habitar e significar o mundo.

Diante dessas reflexões, surge a possibilidade de articular a exploração corporal com elementos da cultura afro-brasileira, por meio da dança e da contação de histórias, integrando, assim, a Educação das Relações Étnico-Raciais na educação infantil. Foi nesse contexto que a pibidiana elaborou a proposta “Histórias que dançam: o orixá caçador e a mãe do oceano”, que articula movimentos da dança afro-brasileira às narrativas dos orixás Iemanjá e Oxóssi. A experiência, marcada pelo uso do corpo e de objetos semiestruturados, demonstrou potencial para o trabalho com o berçário e com o grupo 1, ao promover vivências que integram cultura, movimento e ludicidade.

A proposta teve como objetivo estimular a percepção corporal de bebês e das crianças bem pequenas, por meio da integração entre narrativa e movimento, favorecendo a exploração lúdica e o contato com elementos culturais. Para isso, foram selecionadas duas histórias, a primeira, sobre Iemanjá, inspirado no vídeo do youtube, que apresenta a trajetória de uma princesa que, ao se sentir sozinha, recebe de Olodumare diferentes presentes, como estrelas e nuvens, que acabam se afastando. Posteriormente, é criado o mar, espaço onde Iemanjá passa a viver cercada por vida, abordando temas como criação, natureza e pertencimento.

A segunda narrativa, inspirada no vídeo do youtube, sobre Oxóssi, retrata o surgimento de um perigo durante uma festa no reino de Oxalá, quando um pássaro gigante ameaça a celebração. Após tentativas frustradas de outros arqueiros, Oxóssi, com apenas uma flecha e orientado pela sabedoria de sua mãe, consegue resolver a situação. A história evidencia valores como estratégia, sabedoria e respeito às forças ancestrais, elementos significativos da cultura afro-brasileira.

Para a realização da proposta, foram utilizados materiais como algodão, borrifador com água, pano azul, pau de chuva, coco seco, tiara, glitter e penas. Essa

escolha evidencia uma intencionalidade pedagógica que articula o concreto ao simbólico, possibilitando aos/às bebês o contato com representações culturais de maneira acessível, sensível e lúdica.

4. A EXECUÇÃO DA VIVÊNCIA

A vivência foi realizada ao longo de três dias, com duração prevista de aproximadamente 15 minutos em cada inserção. A proposta consistiu na contação de histórias articulada à dança afro-brasileira, mobilizando narrativas dos orixás acompanhadas por movimentos corporais. Como recursos, foram utilizados algodão, borrifador com água, pano azul, pau de chuva, coco seco, tiara, glitter e penas, compondo um ambiente sensorial que favorecesse a imersão das crianças.

No primeiro dia, realizou-se a contação da história “Iemanjá e a Criação do Mundo” com o berçário e o grupo 1, formado por bebês de 11 meses a 1 ano e 11 meses. O espaço foi organizado com um pano azul simulando o mar, no qual estavam dispostos o pau de chuva, o algodão, a tiara e um borrifador com água e glitter, mantidos inicialmente ocultos sob o tecido. A vivência ocorreu na varanda, com bebês, crianças bem pequenas e adultos organizados em semicírculo, enquanto a pibidiana se posicionava atrás do pano.

Durante a narrativa, observou-se que bebês mantiveram o olhar atento aos movimentos corporais. Além dessa percepção, os adultos presentes relataram que houve grande interesse pelos sons produzidos pelo pau de chuva e pelo coco seco, bem como pelos gestos realizados. Após a contação, os objetos foram explorados por bebês e crianças, sendo o borrifador com água, o algodão e o pau de chuva os elementos que mais despertaram interesse.

A atenção dirigida aos movimentos corporais, aos sons e aos materiais sensoriais sugere que a participação de bebês ocorreu por meio de formas próprias de comunicação, anteriores à linguagem verbal. Os olhares, os gestos, a aproximação dos objetos e a exploração dos diferentes estímulos constituíram modos de interação com a proposta, reafirmando a compreensão de que a corporeidade é um dos principais meios pelos quais bebês conhecem o mundo.

Nessa perspectiva, o interesse demonstrado pelos recursos utilizados pode ser compreendido como um indicativo de envolvimento de bebês com a proposta, evidenciando processos de exploração e construção de significados mediados pelo corpo e pelas experiências sensoriais, em consonância com o campo de experiências

“Corpo, gestos e movimentos” da BNCC (BRASIL, 2017). Ao mesmo tempo, a presença de narrativas dos orixás, sons e elementos da cultura afro-brasileira concretiza a orientação dos Indicadores de qualidade na educação: relações raciais na escola, ao favorecer a presença de referências culturais negras na experiência educativa de bebês desde a primeira infância (BRASIL, 2013).

No segundo dia, foi apresentada a história “Oxóssi e o Pássaro” para o berçário e o grupo 1. O ambiente foi organizado com pano azul e pássaros de papel ao redor, além do uso do pau de chuva. Diferentemente do primeiro encontro, a vivência ocorreu na sala e os participantes foram novamente dispostos em semicírculo, com a pibidiana atrás do pano.

Nesse dia, a vivência tomou um rumo mais espontâneo, pois alguns bebês que haviam ingressado na turma recentemente estavam explorando o espaço engatinhando. Ainda assim, dois deles se aproximaram dos materiais e passaram a observá-los. Os pássaros de papel, confeccionados pela professora regente, chamaram atenção, especialmente quando a pibidiana incorporou movimentos que simulavam o bater de asas. Assim como no primeiro dia, bebês demonstraram interesse pelos movimentos corporais e pelos sons, como palmas e o pau de chuva. Entre os objetos, os pássaros de papel foram os que mais se destacaram na interação das crianças.

A preferência pelos pássaros de papel e o acompanhamento dos movimentos realizados durante a narrativa indicam que bebês responderam corporalmente aos estímulos propostos, produzindo formas próprias de interação com a história. Esses comportamentos reforçam que a aprendizagem, nessa etapa da vida, manifesta-se por meio da exploração, da observação e do movimento, em consonância com o campo de experiências "Corpo, gestos e movimentos" da BNCC (BRASIL, 2017). Além disso, ao utilizar personagens e símbolos vinculados à cultura afro-brasileira, a vivência favoreceu o contato de bebês com referências culturais negras no contexto do berçário, aspecto apontado pelos Indicadores de qualidade na educação: relações raciais na escola como fundamental para a construção de práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade (BRASIL, 2013).

No terceiro dia, as duas histórias foram retomadas, agora com a participação do berçário, do grupo 1 e do grupo 2 do período da manhã, reforçando a proposta de repetição das narrativas e dos movimentos corporais. O ambiente e os recursos utilizados foram mantidos, e a atividade ocorreu na sala.

Assim como nos encontros anteriores, os movimentos corporais foram os elementos que mais mobilizaram a atenção de bebês. Destaca-se que uma das bebês permaneceu próxima aos objetos, acompanhando atentamente os sons das palmas e do pau de chuva, movimentando a cabeça em resposta aos estímulos e, em alguns momentos, batendo palmas junto com a pibidiana durante a contação.

A participação observada no terceiro encontro sugere que a repetição das vivências favoreceu o reconhecimento dos elementos apresentados, uma vez que bebês demonstraram maior aproximação dos materiais, atenção aos estímulos sonoros e reprodução espontânea de gestos observados durante a contação. A aproximação espontânea aos materiais, o acompanhamento dos estímulos sonoros e a reprodução de gestos sugerem que o corpo constituiu o principal meio de expressão e participação das crianças, reafirmando a compreensão de corporeidade discutida neste trabalho.

Ao mesmo tempo, a continuidade das narrativas dos orixás e dos movimentos inspirados na dança afro-brasileira ampliou as oportunidades de contato de bebês com essas referências culturais, aproximando a prática pedagógica dos princípios defendidos pelos Indicadores de qualidade na educação: relações raciais na escola (BRASIL, 2013), que destacam a importância da presença contínua da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar.

5. CONTRIBUIÇÕES FORMATIVAS

A análise das vivências realizadas ao longo dos três encontros permitiu compreender que, com bebês, os indicadores de aprendizagem manifestam-se sobretudo nas formas de participação corporal, na atenção aos estímulos, na exploração dos materiais e na construção gradual de vínculos com a proposta (BRASIL, 2013). Essa constatação ampliou a compreensão da pibidiana sobre os processos de aprendizagem na Educação Infantil e reforçou a importância de planejar experiências que valorizem o corpo, a cultura e a interação como dimensões centrais do trabalho pedagógico.

As contribuições formativas desta experiência foram potencializadas pelo contato com diferentes profissionais da educação infantil durante as reuniões do núcleo do PIBID que a pibidiana faz parte, cujas práticas evidenciam possibilidades concretas de trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no cotidiano escolar. No encontro com um docente da rede municipal, foi possível

conhecer um projeto estruturado que integra a cultura afro-brasileira às práticas pedagógicas por meio de contações de histórias, brincadeiras e rodas de conversa.

Sua atuação demonstra que é viável desenvolver propostas significativas no contexto da escola pública, envolvendo não apenas bebês e crianças, mas também suas famílias, ampliando o alcance das ações educativas e fortalecendo vínculos com a comunidade.

De maneira complementar, em outra reunião formativa, a experiência compartilhada por uma docente vinculada a uma universidade pública e com mais de duas décadas de atuação em creche, trouxe outra perspectiva igualmente potente. Em um contexto com turmas reduzidas e maior possibilidade de acompanhamento individualizado, a educação das relações étnico-raciais não se configura como um projeto isolado, mas como parte integrante do cotidiano.

As práticas se constroem de forma contínua e naturalizada, por meio de histórias, brincadeiras e criação de jogos, com participação ativa de bebês, crianças e familiares. Essa abordagem evidencia que a valorização da cultura afro-brasileira pode e deve estar presente nas experiências diárias, sem a necessidade de ser tratada como um conteúdo pontual ou excepcional.

O contato com essas diferentes realidades contribuiu significativamente para a formação docente, ao revelar que, mesmo diante de contextos distintos, é possível construir práticas comprometidas com a ERER. Essas experiências reforçam a ideia de que a transformação na educação acontece no cotidiano, por meio de ações intencionais e sensíveis.

Ao mesmo tempo em que se reconhecem os desafios estruturais presentes nas instituições, evidencia-se a importância de ir além da denúncia das dificuldades, investindo na construção de estratégias que tensionam e ampliam as possibilidades dentro do próprio sistema educacional. Nessa direção, o conceito de “esperançar”, proposto por Paulo Freire, contribui para compreender a prática pedagógica como ação transformadora, que não se limita à espera passiva, mas se concretiza no movimento de agir, criar e intervir na realidade (FREIRE, 1992). Assim, esperançar, no contexto educativo, implica assumir uma postura ativa diante das contradições do cotidiano escolar, buscando construir práticas mais justas, inclusivas e comprometidas com a valorização da diversidade desde a primeira infância.

No que se refere aos aprendizados, destacam-se aspectos relacionados à escuta sensível, ao planejamento pedagógico e à valorização da cultura e do corpo como centrais no processo educativo. Escutar as crianças, especialmente bebês e crianças bem pequenas, implica reconhecer suas formas próprias de comunicação, que se manifestam por meio do corpo, dos gestos e das expressões. O planejamento, por sua vez, passa a ser compreendido como um processo flexível, que se constrói em diálogo com as respostas de bebês e crianças, e não como uma estrutura rígida a ser seguida.

Além disso, a incorporação da cultura afro-brasileira nas práticas evidencia a potência de experiências que articulam corpo, identidade e pertencimento desde a primeira infância. Essa perspectiva encontra respaldo na Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino, públicas e privadas, da educação básica.

Embora a obrigatoriedade legal se concentra, sobretudo, no ensino fundamental e médio, é fundamental destacar que, na educação infantil, ainda que não haja essa exigência formal, principalmente na cidade em que a vivência ocorreu pois não existe um currículo comum para a educação infantil na cidade, torna-se essencial que os(as) professores(as) incorporem essas temáticas no cotidiano com bebês e crianças bem pequenas. Isso porque é nesse período que se iniciam os processos de construção de identidade, pertencimento e reconhecimento do outro, sendo a escola um espaço privilegiado para promover experiências que valorizem a diversidade, combatam o racismo e reconheçam a contribuição histórica, social e cultural dos povos afro-brasileiros e indígenas na formação da sociedade (BRASIL, 2008).

Entre os desafios enfrentados para realização da vivência, destaca-se a elaboração de propostas de dança afro-brasileira com bebês entre seis meses e um ano de idade. Pensar, planejar e desenvolver atividades que envolvessem movimento corporal para bebês que, em muitos casos, ainda não andam, exigiu um deslocamento de olhar sobre o que significa participação e aprendizagem nessa faixa etária.

Nesse contexto, a potencialidade da vivência também precisou ser ressignificada, considerando indicadores como o interesse e a atenção de bebês e das crianças, suas reações físicas aos estímulos, a imitação espontânea de gestos simples, a participação corporal por meio de movimentos como balançar o corpo ou

bater palmas, e a repetição de ações ao longo das vivências, evidenciando reconhecimento e familiaridade com as propostas.

Por fim, essa experiência provocou mudanças significativas na forma de compreender a prática pedagógica na educação infantil. O planejamento, muitas vezes, parte de expectativas sobre o que se deseja alcançar; no entanto, ao lidar com bebês, torna-se fundamental acolher o inesperado e flexibilizar as propostas conforme suas respostas.

Nesse sentido, o resultado final deixa de ser o elemento central, dando lugar à valorização do processo, da experimentação e das descobertas que emergem no percurso. Essa compreensão reforça a especificidade e a potência da educação infantil, marcada pela abertura ao imprevisto e pela construção de experiências significativas que podem conduzir a caminhos não previamente imaginados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências apresentadas ao longo deste relato evidenciam a potência de práticas pedagógicas que articulam contação de histórias e dança afro-brasileira no contexto da educação infantil, especialmente com bebês e crianças bem pequenas. Ao integrar corpo, cultura e narrativa, a proposta possibilitou a construção de vivências significativas, nas quais a aprendizagem se deu de forma sensorial, relacional e situada, respeitando as especificidades dessa etapa da vida.

A vivência demonstrou que a inserção da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) pode, e deve, ocorrer desde a primeira infância, não como um conteúdo isolado, mas como parte constitutiva do cotidiano pedagógico. Ao mobilizar elementos da cultura afro-brasileira, como as histórias dos orixás e os movimentos da dança, ampliou-se as experiências culturais de bebês e das crianças, contribuindo para a valorização da diversidade e para a construção de identidades mais plurais e representativas.

Além disso, os resultados observados reforçam a centralidade da corporeidade nos processos de aprendizagem na educação infantil. Bebês, mesmo sem o domínio da linguagem oral, participaram ativamente por meio de olhares, gestos, movimentos e interações com os objetos, evidenciando que o corpo é um canal legítimo de expressão e construção de conhecimento. Nesse sentido, a proposta também contribuiu para a ressignificação do olhar docente sobre o que se entende por participação, aprendizagem e avaliação nessa faixa etária.

Do ponto de vista formativo, a experiência reafirma a importância de uma prática pedagógica sensível, intencional e aberta ao inesperado. Planejar, nesse contexto, não significa prever resultados, mas criar possibilidades, acolhendo as respostas de bebês e das crianças e reconhecendo o valor dos processos vivenciados. Tal perspectiva dialoga com a construção de uma educação mais crítica e comprometida, que, como apontado por Freire (1992), se ancora na esperança enquanto ação, isto é, na capacidade de transformar a realidade por meio de práticas conscientes e engajadas.

Por fim, destaca-se que, embora existam desafios na implementação de propostas que articulem corpo, cultura e ERER com bebês, estes não devem ser compreendidos como impeditivos, mas como convites à criação de novas estratégias pedagógicas. Assim, reafirma-se a relevância de práticas que reconheçam bebês e crianças como sujeitos ativos, produtores de cultura, e que promovam, desde os primeiros anos de vida, experiências educativas mais inclusivas, sensíveis e culturalmente significativas.

7. PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Indicadores de qualidade na educação: relações raciais na escola. São Paulo: Ação Educativa; UNICEF; MEC/SECADI, 2013.

Foca na História. Oxóssi - O Orixá da Caça - Mitologia Iorubá. Youtube. 16 nov. 2023. Disponível em: https://youtu.be/JoK2y8Iq2vE?si=tpjRmDAt-ctOS83Y

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Ms. Kiusam. Contação de Histórias: Iemanjá e o Poder da Criação do Mundo. Youtube. 22 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=36pBKTplAUc

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Territórios de infância e o lugar dos bebês. São Carlos: EdUFSCar, 2019.